

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA IMPLANTAÇÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO JARDIM SANTA MARIA EM SUZANO-SP

Rosângela Ferreira Pardini da Silva¹
Rodolfo dos Santos Silva²

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo em andamento sobre a implantação da Economia Solidária em uma comunidade do bairro Santa Maria, localizada em Suzano-SP. Para tal, disserta-se sobre a Economia Solidária e suas práticas, com base em alguns autores que discutem sobre o assunto. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, a partir da análise de documentos públicos e através da busca em sites da Prefeitura Municipal e de outras instituições e órgãos de pesquisas e estatística — em âmbito estadual e nacional. O objetivo geral é verificar como a Economia Solidária pode contribuir para mudar a realidade das famílias e desempregados do bairro Santa Maria. Como objetivo específico, pretende-se conhecer algumas das atividades realizadas pela comunidade e suas habilidades produtivas e de prestação de serviços, com vistas à preparação para a organização de grupos de Economia Solidária na comunidade.

Palavras-chave: Economia solidária. Desenvolvimento local. Cooperativas.

1 Introdução

Pesquisas recentes têm apontado que o desemprego atinge, cada vez mais, um número maior de famílias brasileiras; grande parte destas famílias vive em estado de vulnerabilidade social, excluídas da sociedade e privadas de seus direitos básicos. Muitos trabalhadores que possuem um contrato formal frequentemente são explorados; eles atuam em condições insalubres e salários injustos, suficientes apenas para manter a reprodução de sua força de trabalho.

Em Suzano, cidade situada na Região Metropolitana de São Paulo, na qual vivem cerca de 300 mil habitantes, o desemprego atinge milhares de famílias. Como proposta de superação desta condição desigual e como valorização do ser humano, este trabalho discute as condições necessárias para implantar a Economia Solidária no município de Suzano, localizado na Grande São Paulo. Dessa forma, são apresentadas as origens da Economia Solidária e o processo que a tornou um importante instrumento de inclusão social.

2 Um pouco sobre a história da Economia solidária

Pautada na cooperação, autogestão e priorização de um comércio justo e com o intuito de proporcionar o acesso aos bens de consumo de forma igualitária, a Economia solidária é

¹ Estudante do Curso de Serviço Social – Centro Universitário Internacional Uninter – Integrante do Grupo de Pesquisa sobre a Participação Popular no Orçamento Público e Economia Solidária – UNINTER. E-mail: rosangela.valdiran@gmail.com.

² Professor Doutor do Curso de Serviço Social – Centro Universitário -UNINTER – Coordenador do Grupo de Pesquisa sobre a Participação Popular no Orçamento Público e Economia Solidária – UNINTER. E-mail: rodolfosilva2020@uol.com.br.

uma forma mais justa de produzir e distribuir a produção das famílias que compõem a agricultura familiar, como: os pequenos artesãos; donas de casa que realizam pequenos serviços; e catadores de lixo reciclável. É um sistema de humanização, solidariedade e respeito ao próximo e ao meio ambiente. Economistas como Singer (2000) e Sandroni (2006) postulam que a Economia Solidária tem suas raízes na Inglaterra do final do século XIX e início do século XX. Na Grã-Bretanha, Robert Owen (1771-1858), um industrial britânico, colocou em prática um modelo de autogestão em uma de suas fábricas localizada em New Lanark, Lanarkshire, Escócia. Para tal, reduziu a jornada de trabalho de seus operários, investiu em ambientes bem higienizados e organizou o processo de produção em sua fábrica; ademais, montou um armazém para que seus funcionários pudessem adquirir alimentos, roupas e calçados a preços condizentes com a remuneração que recebiam.

Baseado em princípios sociais e solidários, Owen: aprimorou o sistema de moradia disponível aos trabalhadores de suas fábricas; implementou uma escola maternal para os filhos de seus funcionários; proibiu o emprego de crianças até 12 anos; ofereceu serviços na área de saúde, educação e assistência social às comunidades existentes no entorno de suas fábricas; e implantou o sistema de gestão cooperativa, repassando o controle de suas empresas aos seus operários. Após as experiências bem-sucedidas na Inglaterra, o industrial construiu outros empreendimentos nos Estados Unidos e no México, mas não conseguiu obter o mesmo sucesso alcançado na Grã-Bretanha. Acredita-se que o início de todo esse processo, que se tornou base da Economia Solidária, surgiu em Rochdale na Inglaterra, no ano de 1844; para Barbosa (2007), este sistema teve seu início no Brasil em meados da década de 1970.

De acordo com Singer (2000), as experiências britânicas do início do século XIX despontam como uma alternativa ao modelo de transformação das relações de produção existentes no capitalismo, para um modelo de relações sociais baseados em princípios socialistas de igualdade e solidariedade. Tais princípios, como autogestão e controle da produção por parte dos trabalhadores, em voga no início do século XIX e defendidos por Saint Simon e Charles Fourier e colocados em prática por Robert Owen, têm despontado como modelos a serem seguidos, para evitar a quebra de pequenas e médias indústrias do setor produtivo em diversas regiões metropolitanas brasileiras.

Na década de 1990, em muitas metrópoles do país, a saída para evitar o fechamento geral de pequenas e médias empresas do setor industrial foi a concessão aos trabalhadores para assumirem a produção e o controle dessas empresas — a partir de um modelo de cooperativismo fundado nos princípios da Economia Solidária.

É importante destacar que, quando se trata de uma gestão cooperativa, nos moldes da Economia Solidária e diferente do modelo tradicional de gestão de empresas, são os trabalhadores que, de forma associada com os mesmos direitos e deveres, assumem a direção cooperada da empresa e tomam as decisões necessárias para o bem do empreendimento. Neste modelo de gestão, não há um patrão para ditar as regras, mas sim, uma relação de ajuda mútua; é uma forma de garantir renda e sustento sem explorar o outro e sem agredir o meio ambiente. Portanto, cabe destacar que a Economia Solidária é uma ação coletiva ética e responsável de produzir, comprar, vender, distribuir ou trocar de produtos.

Além do cooperativismo solidário, existem no país outras práticas de Economia Solidária que se destacam, como: a realização de Feiras e Centros de Comercialização que beneficiam tanto os trabalhadores do campo quanto os da cidade e que possuem grande preocupação com o meio ambiente. Essa preocupação inclui o reuso de água; a utilização da energia solar; o emprego do fogão ecológico; a produção e comercialização de produtos orgânicos, entre outras. Há, também, o cuidado com a saúde mental; o envolvimento com a Economia Solidária tem se tornado uma terapia para muitas pessoas, além de uma preocupação com a inclusão de pessoas que possuem transtornos mentais.

A implantação da economia solidária nas localidades pode favorecer a inclusão de pessoas com transtornos mentais. O intuito é aproveitar as suas habilidades produtivas e combater as percepções preconceituosas existentes de que tais pessoas são incapazes de realizar algo e que, por isso, precisam viver isoladas socialmente.

Quando as pessoas com transtornos mentais são incluídas na sociedade pela Economia Solidária se sentem úteis e necessárias; conseguem aumentar a autoestima e fazem amizades, pois esse trabalho também representa saúde, terapia, arte e tratamento. Tais afirmações são das pessoas que atuam nesse setor, conforme o vídeo apresentado por Renato Farias: *Coronavírus e Economia Solidária*. Devido à possibilidade de envolvimento dos agentes da Economia Solidária, e aos benefícios que ela proporciona a uma comunidade, pretende-se implementá-la na região de Suzano-SP.

3 Economia solidária em Suzano-SP e sua implantação

A cidade de Suzano, na qual vivem cerca de 300 mil habitantes, possui uma área de unidade territorial de 206,236 Km² e está localizada na região do Alto Tietê no estado de São Paulo. O local de estudo para implantação de um grupo de Economia Solidária é o bairro de Santa Maria, localizado no Distrito de Palmeiras. No bairro Jardim Santa Maria, conforme

dados do IBGE (2015), moram aproximadamente 500 famílias; a maioria delas vivem com menos de 1 salário-mínimo e apenas 30% dessas famílias possuem registro em carteira. Uma pesquisa do IBGE ainda informa que boa parte dessas famílias obtém rendimentos a partir do trabalho informal, mal remunerado e exaustivo (IBGE, 2015).

Para uma cidade com uma grande população e um número significativo de desempregados, onde não são tantas as oportunidades de inserção no mercado de trabalho, as condições adversas geradas pela pandemia do coronavírus ampliou ainda mais as dificuldades existentes. Estas dificuldades ocorrem principalmente nas periferias da cidade, como é o caso do bairro Jardim Santa Maria, do Distrito de Palmeiras, em Suzano. Estas famílias vivem em situação de vulnerabilidade social e não possuem um imóvel regularizado; por vezes, são ameaçadas de despejo por estarem em um espaço irregular para habitação — de acordo com aqueles que planejam a cidade.

Logo, um projeto de Economia Solidária seria uma excelente opção que resultaria na melhoria das condições de vida dessas famílias, principalmente ao considerar que entre os habitantes da localidade há solidariedade, onde uma pessoa sempre busca ajudar o próximo em condições de necessidade. Além disso, é possível perceber, entre os moradores, criatividade e habilidades diversas, o que pode contribuir para a sustentabilidade do bairro e de seus moradores — se for um processo organizado e bem estruturado dentro dos princípios da Economia Solidária.

É possível realizar, também, o desenvolvimento de atividades que possam gerar renda e autossustento, como: o plantio de culturas adequadas ao solo existente; a culinária; a costura; o artesanato; a associação e organização dos catadores de materiais recicláveis; e a ampliação das experiências de alguns para os demais membros da comunidade como o reuso de água, o a substituição do fogão à lenha pelo fogão ecológico, entre outros.

As atividades realizadas pelos moradores do Jardim Santa Maria, constatadas por esta pesquisa, proporcionaram uma base teórica e metodológica que garantem a existência de condições para a implantação da Economia Solidária no Jardim Santa Maria — ação que contribuiria para a melhoria dos índices de desenvolvimento local. Com base nas experiências existentes em diversas localidades do país,

[...] a tendência é aquela de valorização de uma dimensão pública da sua ação mediante a ênfase nos impactos da organização, ou seja, de um agir no espaço público, que confere à Economia Solidária uma dimensão política fundamental (FRANÇA FILHO; LAVILLE, 2004, p. 18-19).

4 Considerações Finais

Em virtude dos fatos mencionados, conclui-se que a Economia Solidária é uma excelente opção para se promover uma sociedade mais digna, justa e solidária. Se no capitalismo busca-se o lucro, ao realizar a separação entre o patrão e o empregado, explorar a classe trabalhadora, expropriar seus direitos e, sobretudo, ao degradar o meio ambiente, na Economia Solidária há um projeto de solidariedade; nela, todos os trabalhadores, além de participantes, são também os proprietários dos meios de produção e do resultado daquilo que produzem. Além da igualdade de direitos, também visam o bem de si mesmo e do próximo, cuidando de sua saúde mental e do meio ambiente.

Na pesquisa, discutiu-se, também, a possibilidade de implantar a Economia Solidária em localidades que ainda não desenvolvem esta nova forma de trabalho, como no bairro de Santa Maria, na cidade de Suzano, localizada na Região Metropolitana de São Paulo. Esta localidade é muito vulnerável e nela habitam inúmeras famílias que sofrem com o desemprego, mas que são criativas na hora de gerar renda para obter acesso aos produtos que necessitam.

Por último, é possível destacar a necessidade de divulgar melhor a temática deste trabalho, para que mais famílias conheçam a Economia Solidária e suas práticas e o quanto ela contribui para melhorias nas localidades onde ela existe. O desenvolvimento local e do país ocorrerá com práticas como esta; práticas que incluem o cidadão na sociedade e que priorizam um comércio justo, com vistas ao acesso dos bens de consumo a todos — com foco na valorização do ser humano e da natureza.

Referências

FARIAS, Renato *et.al.* Coronavírus e Economia Solidária. **Canal saúde: construindo cidadania**, 15 jun. 2020. Disponível em: <https://www.canalsaude.fiocruz.br/canal/videoAberto/coronavirus-e-economia-solidaria-bps-0788>. Acesso em: 25 out. 2020.

FRANÇA, Genauto; LAVILLE, Jean Louis. **Economia solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

IBGE. **Suzano**. 2015. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/suzano/panorama> Acesso em: 25 out. 2020.

LEITE, Marcia de Paula. A economia solidária e o trabalho associativo: teorias e realidades. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 24, n. 69, fev. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092009000100003>. Acesso em: 25 out. 2020.

WATHIER, Karla; SINGER, Paul. Economia Solidária é alternativa para geração de emprego e renda. **NBR Entrevista**, 2015. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=ulzZP_4EQRk. Acesso em: 25 out. 2020.